

A AURORA DO SER: O SAGRADO COMO DIMENSÃO ONTOLÓGICA NA RAZÃO POÉTICA DE MARIA ZAMBRANO

THE DAWN OF BEING: THE SACRED AS AN ONTOLOGICAL DIMENSION IN THE
POETIC REASON OF MARIA ZAMBRANO

Maria Raquel Alves da Rocha¹

Resumo:

O presente artigo analisa a concepção de Sagrado na obra da filósofa espanhola Maria Zambrano, investigando como essa dimensão se articula com o seu pensamento sobre a razão poética. O Sagrado é compreendido como o mistério profundo e natural que sentimos. No entanto, a obsessão do pensamento ocidental em querer explicar e controlar tudo acabou apagando esse mistério ou transformando-o em conceitos rígidos e vazios, tirando dele a sua vida e a sua força original. A investigação percorre a transição do horror Sagrado para a piedade, conceito fundamental que permite ao ser humano estabelecer uma relação de abertura e escuta com o mistério. Através do diálogo com a mística de São João da Cruz e a crítica à modernidade, argumenta-se que a recuperação do Sagrado não representa um retrocesso ao irracionalismo, mas a superação da crise do sujeito moderno, permitindo uma integração entre o pensar e o sentir.

Palavras-chave: Sagrado; razão poética; piedade; ontologia

Abstract:

This article analyzes the concept of the Sacred in the work of the Spanish philosopher Maria Zambrano, investigating how this dimension articulates with her thought on Poetic Reason. The Sacred is understood as the profound and natural mystery that we feel. However, the obsession of Western thought with wanting to explain and control everything has ended up erasing this mystery or transforming it into rigid and empty concepts, taking away its life and original force. The investigation traces the transition from sacred horror to piety, a fundamental concept that allows human beings to establish a relationship of openness and listening with the mystery. Through dialogue with the mysticism of Saint John of the Cross and the critique of modernity, it is argued that the recovery of the Sacred does not represent a regression to irrationalism, but the overcoming of the crisis of the modern subject, allowing an integration between thinking and feeling.

Keywords: Sacred; poetic reason; piety; ontology

¹ Doutoranda em Filosofia pela UFPI. Professora docente do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: raquelrochadoc@ufpi.edu.br, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9519626769040819>, ORCID: 0009-0003-3298-2010

Introdução

Falar sobre o Sagrado na obra da pensadora malaguenha, Maria Zambrano, não é tratar de uma religião no sentido institucional, mas sim de uma dimensão ontológica, ou seja, a relação do ser humano com aquilo que o transcende e, ao mesmo tempo, o constitui. Para Zambrano, o Sagrado é a realidade que nos precede, aquela presença originária que o logos racional tentou ocultar, mas que a razão poética busca resgatar.

O presente artigo propõe uma incursão na filosofia de Maria Zambrano para investigar, primordialmente, a crise do racionalismo e o nascimento do Sagrado. Partimos do diagnóstico de que a modernidade, ao sustentar-se em um racionalismo absoluto e técnico, exilou o ser humano de sua própria profundidade, transformando o silêncio em um espelho da vacuidade. Analisaremos como o esgotamento desse modelo puramente conceitual abre espaço para a irrupção do Sagrado, não como dogma, mas como a manifestação do indomável que exige a superação da *hybris* racionalista em prol de uma razão poética capaz de acolher o mistério da existência.

Dando continuidade a essa reflexão, abordaremos a piedade como reconhecimento da alteridade, apresentando-a como a virtude central para a reconstrução do lar humano no mundo. A piedade zambraniana será explorada não como um sentimento piedoso tradicional, mas como a capacidade ontológica de "saber tratar com o que é diferente de nós" (Zambrano, 1955, p. 251). Discutiremos como a cessação da hostilidade contra a realidade e a aceitação de forças que não se dobram à nossa vontade permitem que o universo deixe de ser um campo de batalha técnico para se tornar um espaço de habitabilidade, onde o reconhecimento dos limites humanos estabelece um novo pacto de convivência com o cosmos.

Por fim, o estudo culminará na análise da noite escura e a Aurora, traçando o paralelo necessário entre a mística de São João da Cruz e a proposta de transmutação do ser em Zambrano. Discutiremos como a travessia pelo silêncio e pela despossessão, à "noite", é a condição *sine qua non* para que a vacuidade inicial se transforme em transparência. O objetivo deste trabalho é demonstrar que, ao atravessar o abismo da própria alma, o sujeito alcança a Aurora, o instante em que a consciência se reconcilia com o universo, revelando que o centro do ser e o fundo do cosmos compartilham a mesma substância luminosa e sagrada.

A crise do racionalismo e o nascimento do Sagrado

A história do pensamento ocidental pode ser lida como um esforço titânico para iluminar a totalidade da existência sob o sol da consciência. No entanto, para Maria Zambrano (2006), essa busca pela clareza absoluta gerou uma fome de realidade que a razão puramente lógica não pôde saciar. Para a pensadora, a crise do racionalismo não é apenas um fracasso técnico, mas uma tragédia ontológica, pois, ao tentar domesticar o ser, o humano moderno exilou-se de sua própria origem.

O racionalismo, inaugurado formalmente pelo projeto cartesiano, estabeleceu que a verdade reside naquilo que é claro e distinto. Como aponta René Descartes (1991) ao dizer "Tudo o que concebo mui clara e mui distintamente como sendo real e verdadeiro, é real e verdadeiro" (Descartes, 1991, p. 185). Para

Zambrano (2006), ao aceitar apenas o que é transparente à mente, a filosofia ocidental operou uma redução violenta.

O que ficou de fora dessa claridade foi o que Zambrano (2006) chama de "as entranhas". Elas representam o lugar mais profundo do ser humano, onde a vida ainda não é pensamento, mas puro pulsar, sofrimento e desejo. Se a mente é o lugar da luz e da clareza, as entranhas são o lugar da escuridão fértil, onde a nossa verdade mais autêntica está escondida. É nelas que residem as nossas esperanças, os nossos medos ancestrais e o horror Sagrado que discutiremos mais à frente. Para a filósofa, o ser humano não apenas pensa, ele padece, e a vida e as entranhas são o palco desse padecimento. É onde sentimos o peso da existência antes de conseguirmos explicá-lo. Zambrano (2006) afirma que a verdadeira filosofia deve nascer das entranhas e que ignorá-las é criar um pensamento sem vida, um pensamento sem a carne. É das entranhas que brota a necessidade de dar à luz a si mesmo. O processo de tornar-se pessoa consiste em tirar o que está nas entranhas, o obscuro e trazê-lo para a consciência através da palavra poética.

O homem é o ser que tem entranhas, e as entranhas são o lugar onde o ser se faz destino, onde o que é puramente biológico se transforma em acontecimento humano e espiritual. É o lugar do sofrimento Sagrado que a razão, em sua soberbia, sempre quis ignorar (Zambrano, 2006, p. 48).

Como observa o filósofo José Ortega y Gasset, mestre de Zambrano, "a razão pura não pode captar a vida" (Ortega y Gasset, 1960, p. 115), representando o divisor de águas entre o racionalismo clássico e o Raciovitismo, ou a filosofia da Razão Vital, que tanto influenciou Maria Zambrano. Se Ortega diz que a razão pura não capta a vida, Zambrano dá o próximo passo, ela mergulha no que há de mais infra-racional na vida, os sonhos, as entranhas, o Sagrado, para criar a razão poética. Essa transição estilística e conceitual atinge seu ápice em seus escritos tardios. Como bem assinala Elena Laurenzi:

Aurora é um texto extraordinário, não convencional em termos de lógica e estruturas do discurso filosófico, e ainda assim explora os temas da obra filosófica de María Zambrano: a obra é apresentada em uma trama poética na qual as questões, reflexões e investigações que ocuparam uma vida inteira dedicada à escrita se entrelaçam, permanecendo reconhecíveis, embora transfiguradas² (Laurenzi, 2000, p. 16, tradução nossa)

Ortega y Gasset (1960) formula uma crítica significativa à razão pura de Immanuel Kant, embora essa crítica não implique uma rejeição completa da filosofia kantiana. Ortega reconhece a importância decisiva de Kant para a modernidade filosófica, sobretudo por ter demonstrado que o conhecimento não é um simples reflexo passivo do mundo, mas depende das estruturas do sujeito cognoscente. Contudo, considera que a filosofia transcendental kantiana permanece excessivamente abstrata ao conceber a razão como uma faculdade universal separada da vida concreta e histórica.

Na Crítica da razão pura, Kant investiga as condições universais que tornam possível o conhecimento. O sujeito transcendental kantiano não corresponde ao

² De la Aurora es un texto extraordinario, desorbitado para la lógica y los esquemas del discurso filosófico, y que, sin embargo, recorre los temas del trabajo filosófico de María Zambrano: se presenta en una trama poética en la que se anudan, reconocibles aunque transfiguradas, las preguntas, las reflexiones, las investigaciones que habían ocupado la escritura de toda una vida. (texto original em língua estrangeira)

indivíduo empírico, histórico e singular, mas a uma estrutura universal da consciência que organiza toda experiência possível. Para Ortega, entretanto, essa concepção deixa de lado precisamente aquilo que constitui a realidade fundamental do ser humano: sua existência concreta, situada em circunstâncias históricas determinadas.

É em oposição a essa abstração que Ortega desenvolve os conceitos de “razão vital” e posteriormente de “razão histórica”. Sua célebre afirmação — “eu sou eu e minha circunstância” — sintetiza essa mudança de perspectiva. A razão não pode existir independentemente da vida; ela emerge sempre de uma situação concreta, histórica e existencial. O pensamento humano não parte de um sujeito puro e universal, mas de um indivíduo inserido em um mundo específico, marcado pela cultura, pelo tempo e pelas experiências vividas.

Assim, enquanto o racionalismo buscava um ponto fixo e imutável de domínio, a vida se manifestava como um fluxo obscuro, resistente à sistematização. A crise surge quando essa razão, pretendendo ser absoluta, torna-se uma razão armada, uma ferramenta de controle que oculta o que há de mais Sagrado no humano: sua vulnerabilidade originária. Para Zambrano (2006), a crise do ser humano moderno é que ele se tornou um ser sem entranhas ou um ser que tem medo delas. Ao tentarmos ser puramente racionais, nos desconectamos dessa raiz profunda. As entranhas são, portanto, o subsolo da alma, sem visitá-las, o ser humano vive apenas na superfície da realidade, adorando os “ídolos da clareza”³ e perdendo o contato com o Sagrado que vive dentro de si. “O homem é o animal que tem entranhas, e por tê-las, sua vida não é apenas um transcender, mas um drama. Pois as entranhas são o lugar da revelação, onde o que está oculto e o que dói se transforma em palavra e luz” (Zambrano, 1987, p. 32).

As entranhas são o laboratório da alma. A importância delas reside na capacidade de transformar a “dor muda” (o horror Sagrado) em “palavra” (a razão poética). Zambrano alerta que o racionalismo tenta criar um ser humano sem entranhas, ou seja, um ser que não sofre, que não se angustia e que, por isso mesmo, se torna indiferente e vazio. Recuperar a importância das entranhas é, para ela, recuperar a nossa capacidade de ser piedosos conosco e com o mundo.

Zambrano (1955) explica que, inicialmente, o Sagrado se apresenta a nós como algo terrível e invasivo. Estamos submersos em nossas entranhas, em um estado de passividade onde o divino é sentido como uma pressão esmagadora. Os ídolos da clareza, ou seja, aquela razão racionalista, solar e absoluta, atuam como obstáculos violentos a esse nascimento. De forma isto acontece? Primeiro através da profanação pelo conceito. Entendemos que o Sagrado precisa de penumbra para se manifestar. Quando os ídolos da clareza exigem que tudo seja explicado, definido e categorizado, eles profanam o Sagrado. Ao tentar trazer o que é das entranhas diretamente para a luz ofuscante do intelecto, a experiência se dissolve. “O racionalismo é a defesa do homem contra o Sagrado, o meio de evitar a sua presença, de negá-lo; é a pretensão de reduzir o real ao que é pensável, ao que é claro e distinto” (Zambrano, 1955, p. 46). O ídolo prefere uma mentira clara a uma verdade profunda e obscura.

³ Para Zambrano, os “ídolos da clareza” são as certezas intelectuais que nos dão uma falsa sensação de segurança, mas que nos impedem de atravessar a “noite escura” necessária para o verdadeiro despertar da alma. Ao falar em “ídolos da clareza”, o texto aponta para uma crítica contundente ao racionalismo hegemônico que herdamos do Iluminismo e do cartesianismo. Na filosofia zambraniana, esses ídolos representam as formas de conhecimento que sacrificam a profundidade em nome da precisão.

Segundo, pelo medo do vazio e do silêncio. O nascimento do Sagrado exige silêncio e uma certa espera, os ídolos da clareza, porém, sofrem de horror *vacui*, o medo do vazio. Eles preenchem todo o espaço mental com ruído intelectual, teorias e certezas prontas. Essa hiper estimulação da consciência impede que o ser humano escute o que pulsa em seu interior profundo.

O homem ocidental tem tido medo do seu próprio vazio e tem tentado preenchê-lo com tudo: com coisas, com ídolos, com ideias e até com Deus transformado em conceito. Este preenchimento incessante impede que se produza o silêncio necessário para que a alma se escute a si mesma (Zambrano, 1987, p. 87).

Em terceiro, a substituição da revelação pela informação. Sob o domínio desses ídolos, o ser humano moderno troca a revelação, que transforma quem recebe, pela informação que apenas acumula dados. O Sagrado exige uma transformação nas entranhas, já a clareza idólatra exige apenas uma compreensão lógica. O resultado é um ser humano que acredita saber tudo sobre religião ou psicologia, mas que permanece deserto por dentro.

Zambrano (1986) utiliza frequentemente a imagem da Aurora. A Aurora não é o meio-dia, a clareza absoluta do ídolo, nem a noite fechada ou o caos das entranhas, ela é o estado de equilíbrio onde o Sagrado nasce, uma luz que não fere, que respeita as sombras e permite que a realidade se mostre sem ser capturada por conceitos rígidos. Para a filósofa, "A aurora é a claridade que não se fixa em nenhum objeto, que não se detém em nada; é a luz que não fere, que não define, que deixa as coisas em sua liberdade, em sua penumbra e em seu segredo." (Zambrano, 1986, p. 18). Zambrano entende que viver na Aurora é a única forma de ser verdadeiramente humano. É manter-se aberto ao que vem de dentro, o Sagrado nas entranhas, e ao que vem de fora, a realidade, sem que um anule o outro. Ecoando essa perspectiva, Laurenzi esclarece que "A clareza evocada neste parágrafo está muito distante da luminosidade solar do racionalismo, que achata os eventos e 'esconde tantas realidades luminosas'. É uma luz auroral que, em sua 'pulsção escura', se assemelha ao 'centro escuro da chama'..."⁴(Laurenzi, 2000, p. 19, tradução nossa). Ao rejeitar a descida às entranhas em nome de uma racionalidade estéril, o ser humano acaba por expulsar o Sagrado de sua vida, tornando-se prisioneiro de uma realidade puramente funcional e, em última instância, sem sentido.

O Horror Sagrado e a fragmentação do Ser

Antes da luz da razão, existe o que Zambrano denomina Horror Sagrado. É a experiência do ser humano primordial diante de um universo que o esmaga, uma realidade que Rudolf Otto (2007) descreveu como o *Mysterium Tremendum*: "o sentimento de um terror que tem algo de espectral [...] o sentimento da própria nulidade perante o que está acima de toda criatura" (Otto, 2007, p. 25). Otto diz que esta experiência não é um pensamento ou uma crença, mas um estado emocional e ontológico avassalador que ocorre quando o ser humano se depara com o Totalmente Outro. "O Sagrado apresenta-se como algo que é o 'completamente outro' (*totaliter aliter*), o estranho e o espantoso, aquilo que está fora da esfera do

⁴ "la claridad evocada en este párrafo dista de la luminosidad solar del racionalismo que aplanan los acontecimientos y 'oculta tantas luminosa realidades'. Es una luz auroral, que en su 'oscuro palpar' se parece al 'centro oscuro de la llama'...". (texto original em língua estrangeira)

que é inteligível e familiar, e que, por isso mesmo, se contrapõe ao humano, enchendo-o de um assombro mudo" (Otto, 2007, p. 55).

O Completamente Outro refere-se àquilo que é absolutamente diferente de qualquer coisa que conhecemos no mundo natural e não pode ser explicado por analogias comuns. Isso se alinha perfeitamente com a crítica de Zambrano aos ídolos da clareza, pois para Otto, o Sagrado é o que resiste à racionalização. Quando tentamos explicá-lo totalmente, deixamos de lidar com o Sagrado e passamos a lidar com um conceito intelectual.

O terror espectral, no entanto, é o arrepio da alma, é aquela sensação de presença que faz os pelos do corpo se arrepiarem sem uma causa física visível. É um pavor que emana do desconhecido absoluto. É o que sentimos diante de um abismo infinito ou de uma tempestade colossal, uma força que não podemos negociar, domesticar ou entender. É espectral porque é impalpável, mas sua presença é mais real do que qualquer objeto sólido.

Nesse estágio, o Sagrado é uma força invasiva e sem rosto. O racionalismo, em sua tentativa de curar esse horror, cometeu o erro de tentar eliminá-lo. Ao fazer isso, transformou o mistério em ídolo. Nas palavras de Friedrich Nietzsche, um crítico feroz da decadência racionalista, "os conceitos são as últimas fumaças da realidade que se evapora" (Nietzsche, 2006, p.30). Quando a razão captura o Sagrado e o fixa em um conceito rígido, ela cria um ídolo, uma forma morta que o ser humano adora para não ter que enfrentar o abismo vivo da existência.

A saída para essa crise não reside em um retorno ao irracionalismo caótico, mas no nascimento da Piedade. Para Zambrano (1955), a piedade é o saber tratar com o outro, um reconhecimento de que não somos os donos da realidade. Esta postura ecoa o pensamento de Martin Heidegger (2002) sobre a clareira do ser (*Lichtung*), onde o ser humano não é o senhor que domina, mas o pastor do ser. Se o racionalismo, os ídolos da clareza, coloca o homem como o sujeito que domina o objeto, Heidegger propõe uma postura de escuta e cuidado. O pastor não cria as ovelhas, ele as guarda e conduz. Ser o "pastor do ser" significa que a tarefa do ser humano é vigiar a verdade do Ser, protegendo a clareira para que o Ser possa se manifestar nela sem ser distorcido pela técnica ou pelo conceito. Enquanto os ídolos da clareza exigem explicações como um ruído intelectual, o pastor do ser exercita a escuta e a serenidade. Na clareira, o ser humano descobre que sua dignidade não vem de quanto ele pode explicar ou controlar, mas de sua capacidade de ser o guardião de um mistério que o transcende.

Essa postura de pastor do ser proposta por Heidegger (2002), que exige a renúncia ao controle e a aceitação da abertura, encontra seu eco mais profundo e visceral na piedade zambraniana. Pois, se para o pensador alemão o ser humano deve guardar a clareira para que o Ser se manifeste, para Maria Zambrano essa guarda ocorre através de uma disposição afetiva que transfigura a nossa relação com o desconhecido. Nesse sentido, a piedade atua como a ponte ontológica que permite a transição do horror, o esmagamento das entranhas, para a revelação, a luz da aurora.

Enquanto o racionalismo, movido pelo desejo de domínio, busca a conquista e a captura da realidade em conceitos, a piedade busca a comunhão com o que é outro, acolhendo o mistério sem a pretensão de dissolvê-lo. A piedade permite a transição do horror para a revelação. Enquanto o racionalismo busca a conquista, a piedade busca a comunhão. Como afirma Zambrano "A piedade é a virtude que nos permite aceitar o que nos excede, o que nos rodeia e o que nos sustenta, sem pretender reduzi-lo à nossa própria medida" (Zambrano, 1955, p. 156). Dessa crise

e desse novo trato com o Sagrado nasce a razão poética. Ela é a resposta de Zambrano à insuficiência do Logos técnico. Se a razão racionalista é uma faca que corta e separa, a razão poética é uma mão que acolhe. Ela permite que o Sagrado não seja mais um horror que nos persegue, nem um ídolo que adoramos cegamente, mas uma presença que ilumina o cotidiano.

A razão poética recupera a ideia de Aristóteles de que a filosofia nasce do espanto (*thaumazein*), mas acrescenta que esse espanto deve ser mantido vivo e não resolvido por uma equação definitiva. No nascimento do Sagrado através da piedade, o ser humano descobre que sua verdadeira morada não é a clareza absoluta da consciência, mas a penumbra fértil onde o pensamento e o sentir se abraçam. Em última análise, a obra de Maria Zambrano nos ensina que a crise do racionalismo só será superada quando o ser humano aceitar que é um ser em trânsito, e que o Sagrado, longe de ser um conceito a ser explicado, é a própria raiz de onde brota a liberdade e a esperança.

A Piedade como reconhecimento da alteridade

Zambrano (1955) define a piedade como a atitude que nos permite reconhecer o que é o "outro" sem tentar reduzi-lo ao "eu". O Sagrado, em sua manifestação inicial, apresenta-se como algo terrível e invasivo, a piedade é a resposta humana que transforma esse horror em presença. Ela é o freio da soberba racionalista, é o reconhecimento de que a vida e o ser nos são dados, e não construídos por nós. "A piedade é o saber tratar com o Outro, com o que é diferente e, no entanto, nos sustenta" (Zambrano, 1955, p. 152).

O reconhecimento da alteridade não é apenas voltado para o exterior, entendido como o divino, mas para o interior. As entranhas são o "outro" dentro de nós. O racionalismo atua com horror *vacui*, o medo do vazio, preenchendo a alma com ruído para não ouvir o que vem de dentro. A piedade, ao contrário, aceita o que nos excede, "A piedade é a virtude que nos permite aceitar o que nos excede [...] sem pretender reduzi-lo à nossa própria medida." (Zambrano, 1955, p. 258). Enquanto o horror é a reação inicial diante da alteridade esmagadora, a piedade é o método da razão poética para transformar esse peso em luz.

Emmanuel Lévinas (2008), entende que a alteridade do Outro é o que funda a ética. Para o filósofo francês, a ética funda-se na alteridade porque é o único momento em que saímos da prisão do Eu. Se o outro fosse igual a mim, eu estaria apenas lidando com um espelho. É justamente porque o Outro é estranho, diferente e irredutível que ele pode me convocar a ser ético. "O Outro não é um objeto de compreensão primeiro e um interlocutor em seguida. As duas relações confundem-se. Em outras palavras, a compreensão do Outro é inseparável da sua invocação e da sua hospitalidade" (Lévinas, 2008, p.182). A ética, portanto, não é uma conclusão lógica, é o impacto do choque de encontrar alguém que eu não posso governar, mas por quem devo responder.

Para Zambrano (1955), a piedade é o que funda a existência. Ela substitui a conquista, ato de violência do intelecto, pela comunhão, ato de acolhimento da alma. O pensamento de Zambrano nos ensina que só há verdade onde há respeito pela distância entre nós e o Outro. A piedade é, portanto, a guarda desse espaço Sagrado onde a vida, finalmente, pode ser ouvida.

A piedade nos permite ver o Outro não como um limite para a nossa liberdade, mas como o solo onde o Sagrado se manifesta. Sem a alteridade reconhecida pela piedade, o mundo seria apenas uma extensão do nosso ego, com

ela, o mundo torna-se um templo de revelações constantes. Em suma, o reconhecimento da alteridade pela piedade é o que permite o nascimento do Sagrado. Quando o ser humano deixa de adorar os ídolos da clareza e aceita a penumbra das entranhas, ele permite que a realidade se revele na Aurora.

A Piedade: o saber tratar com o indomável

Se o racionalismo ocidental se baseou no domínio, a ideia de que o sujeito deve capturar o objeto para conhecê-lo, Maria Zambrano propõe uma inversão radical através da piedade. Para a autora, a piedade é o "saber tratar com o que não se pode dominar", como já exposto, e por isso, a piedade é uma forma de relação com o real que não passa pela violência da apreensão intelectual, mas pelo acolhimento. Diferente da razão técnica que busca reduzir o mundo a objetos, a piedade é o reconhecimento de que a realidade é, em sua essência, alteridade, ou seja, o que é outro. "A piedade é o saber tratar com o Outro, com o que é diferente e, no entanto, nos sustenta" (Zambrano, 1955, p. 147).

Para Maria Zambrano (1955), a piedade não é um sentimento de compaixão passiva ou uma virtude "adocicada", é, antes de tudo, uma virtude ontológica e uma forma de resistência contra a prepotência do ego. Em sua obra *O Homem e o Divino*, ela a eleva ao status de uma técnica de sobrevivência da alma perante o que ela chama de Indomável. O ponto de partida é o reconhecimento de que a realidade não é um objeto que possamos possuir inteiramente. O indomável é tudo aquilo que escapa ao controle da nossa razão lógica, a morte, o destino, o mistério do Outro e a própria força da natureza, o divino.

E o indomável não é apenas o que está fora, mas essa força que nos constitui: a morte que nos espreita, o destino que se cumpre sem nos perguntar, e essa realidade do Sagrado que se apresenta como uma resistência. O divino é, antes de tudo, o que não se deixa domesticar pela lógica, o que nos rodeia e nos sustenta sob a forma de mistério, exigindo de nós não a compreensão total — que seria soberba — mas o reconhecimento de sua presença irredutível (Zambrano, 1955, p. 148).

O indomável é aquilo que preserva sua distância, e a piedade é o que nos permite conhecê-la e respeitá-la sem a pretensão de suprimi-la. Na tradição ocidental, frequentemente marcada pela confiança na racionalidade técnico-instrumental e em formas de pensamento voltadas à objetivação e ao controle do real, consolidou-se o impulso de tornar o mundo plenamente inteligível e manipulável. María Zambrano adverte, contudo, que toda tentativa de reduzir a realidade à transparência absoluta do conceito produz angústia, pois a vida conserva sempre uma dimensão inapreensível, um núcleo que escapa a qualquer forma definitiva de apropriação. O saber tratar com o indomável é a proposta de uma ética da humildade. Não uma humildade de submissão, mas de lucidez, é entender que a vida é maior que o nosso pensamento. A piedade é a virtude que nos permite aceitar o que nos é dado sem termos pedido e respeitar o que nos é tirado sem termos compreendido. "Pois a piedade é saber tratar com o que não se pode dominar; é o saber tratar com o outro que habita em nós, com o que está nas entranhas, sem pretender reduzi-lo à transparência do conceito" (Zambrano, 1955, p. 148). Ao aplicar a piedade, transformamos o mundo hostil em um lar. O indomável não se torna domado, mas torna-se habitável, mas, para entender como o indomável se torna habitável, precisamos visualizar o movimento da alma em

seus dois estágios simbólicos, que se referem à noite escura e a Aurora como nascimento do habitável. Esta concepção será discutida a seguir.

O Homem e o Divino: a Noite escura e a Aurora

Para Maria Zambrano, a relação entre "O Homem e o Divino" não se dá por uma conquista racional, mas por um descentramento da alma que se inicia na noite escura. É no abismo da desorientação que a piedade surge não como fraqueza, mas como a virtude ontológica capaz de estabelecer um trato com aquilo que nos transcende e nos precede. Ao reconhecer o mistério sem a pretensão de esgotá-lo, o ser humano deixa de ver o Sagrado como uma alteridade ameaçadora para vislumbrá-lo como o horizonte de sua própria existência, assim, a Aurora não representa o domínio sobre o desconhecido, mas o nascimento de uma nova clareza onde o real, embora permaneça indomável em sua magnitude, acolhe a vida humana.

A aurora é o aparecimento da luz antes que o sol se faça presente; é uma luz que não fere, que não define com dureza os contornos, mas que permite à alma sentir-se em meio às coisas sem ser aniquilada por elas. É o saber que se detém antes de converter o real em objeto, deixando que a vida respire na clareira do que ainda não foi nomeado (Zambrano, 2006, p. 94).

Transformar o mundo hostil em um lar é, portanto, o ato poético de habitar o silêncio de Deus, permitindo que a luz da consciência encontre repouso na vastidão do divino. Zambrano (2006) sugere que Deus não nos fala por conceitos, mas pelo "entreaberto". O silêncio divino não é ausência, mas a plenitude de uma presença que exige que baixemos o volume das nossas certezas para sermos ouvidos.

Na filosofia de Zambrano, a noite escura, conceito que ela resgata de São João da Cruz⁵, representa o momento em que as certezas racionais falham. Para o santo carmelita, a noite escura não é um estado de depressão ou vazio niilista, mas um processo de purificação passiva extremamente rigoroso. A noite escura é a jornada da alma em direção à união com o divino, é o momento em que o indivíduo perde o gosto pelas coisas do mundo e até pelas consolações espirituais. O que antes trazia prazer ou segurança como, bens materiais, afetos e rituais, torna-se insípido. É um tédio profundo e uma secura espiritual porque a pessoa sente-se perdida dado que suas ferramentas habituais de prazer não funcionam mais.

Depois disso, a noite escura passa pela fase mais profunda e aterradora, o descenso aos infernos. Aqui, não são apenas os prazeres que somem, mas a própria compreensão intelectual de Deus e de si mesmo. A alma sente-se abandonada por Deus, mergulhada em trevas totais. São João explica que essa treva é, na verdade, uma luz excessiva que cega o intelecto humano, como o sol cega o morcego. Assim como o morcego, ou a ave noturna, possui olhos adaptados à penumbra e se perde diante do brilho meridiano do sol, o intelecto humano, acostumado a lidar com objetos finitos e conceitos lógicos, fica cego diante da infinitude do Ser.

⁵ João de Yepes foi um frade carmelita, poeta e teólogo da Reforma Católica na Espanha. Junto com Santa Teresa de Ávila, fundou os Carmelitas Descalços. Sua vida foi marcada por uma pobreza extrema e por um episódio central: foi preso por seus próprios irmãos de ordem em um cárcere minúsculo e escuro em Toledo.

Donde se segue que, quanto mais claridade tem uma coisa em si, tanto mais escura e cega é para o olho; e quanto mais o sol brilha, tanto mais cega o órgão da vista, por causa de sua excessiva claridade e por ser fraca a potência da nossa visão. Assim também esta luz divina de contemplação, quando fere a alma que ainda não está totalmente iluminada, faz nela trevas, porque não só excede a capacidade do entendimento, mas também o priva e obscurece em seu ato natural (São João da Cruz, 2002, p. 174)

Enquanto para São João a Noite é uma via para a união com o Deus teológico, para Zambrano, a noite escura é a experiência ontológica de quem aceita perder a razão armada para ganhar a razão poética. Identificamos que para a filósofa, a noite é o momento em que o ser humano deixa de querer ver para começar a sentir a realidade em suas entranhas. É o sacrifício do ego em favor da clareira do ser. "A noite não é o contrário da luz, mas sua interiorização; é a luz que se recolheu em seu centro para que a alma, despojada de toda visão exterior, possa começar a ver o que no dia permanece oculto: o mistério da própria presença" (Zambrano, 1955, p. 236).

O indomável aqui é o real em sua forma mais bruta, o destino, a morte e o divino que nos esmaga por ser vasto demais. Enquanto tentamos domar a vida com o pensamento puramente lógico, o mundo permanece hostil, pois a lógica não acolhe o sofrimento ou o mistério. Na noite, o ser humano se sente um estranho no universo, perdido em uma escuridão que ele não pode controlar.

Para Maria Zambrano (1955), a apropriação da mística de São João da Cruz não é um exercício teológico, mas uma fenomenologia da existência. Ela entende que, para o ser humano alcançar a Aurora ou a lucidez da razão poética, ele deve primeiro realizar um movimento de introspecção radical, que ela denomina como o descenso aos infernos da própria alma. "O descenso aos infernos é a condição da clareza última; é o trânsito necessário por onde a alma tem de passar para se despojar de tudo o que não é seu, para chegar a esse fundo onde a vida já não é posse, mas pura entrega e revelação" (Zambrano, 1955, p. 238). Esse descenso é, em última análise, o que permite que o silêncio de Deus deixe de ser aterrorizante e passe a ser o lar, pois é nas profundezas que a consciência descobre que nunca esteve verdadeiramente só.

Diferente da filosofia racionalista, que busca subir em direção à luz da ideia, Zambrano (1955) propõe que a verdade exige uma queda. Descer aos infernos significa abandonar as máscaras do ego e as seguranças do pensamento lógico. Na noite escura, a alma perde o chão pois é o encontro com o nada, com a finitude e com as sombras que escondemos de nós mesmos. O divino, inicialmente, não se apresenta como consolação, mas como uma alteridade absoluta e terrível que nos despoja de tudo o que julgávamos ser.

Zambrano argumenta que o ser humano moderno foge do silêncio porque ele é o espelho da nossa vacuidade. "O homem moderno foge do silêncio; teme-o como se fosse um espelho onde haveria de ver-se a si próprio em sua vacuidade, em sua falta de ser" (Zambrano, 1955, p. 257). No entanto, é apenas na solidão absoluta que o barulho das palavras vazias cessa, não significa ausência de som, mas a suspensão do julgamento. No silêncio, a alma para de projetar desejos sobre o mundo e começa a escutar. Ao aceitar estar só, o indivíduo para de combater a realidade, neste sentido, a alma torna-se um receptáculo. É aqui que o Sagrado deixa de ser uma ameaça externa e começa a brotar de dentro (Zambrano, 1955).

A conexão com São João da Cruz reside na ideia de que a noite é quem guia. Não se atravessa o inferno da alma com um mapa, mas com a entrega. Ao tocar o

fundo do próprio abismo, o ser humano descobre que não é o centro do universo. Essa descoberta, que deveria ser dolorosa, é o que liberta. A luz que surge não é o sol ofuscante da razão que quer explicar tudo, mas uma luz discreta. Portanto, o Sagrado manifesta-se como uma presença que habita o vazio deixado pela renúncia do ego.

Para Zambrano (1955), o místico espanhol ensina que a verdade não é algo que se possui, mas algo em que se está. O processo de descer ao próprio inferno é, na verdade, a limpeza do olhar e por isso, o indomável torna-se habitável justamente porque, na solidão do inferno interior, descobrimos que não estamos sós, pois, o Sagrado estava lá o tempo todo, esperando que o nosso ruído cessasse para poder ser ouvido. "A alma, em sua solidão, descobre que não está só, mas que é o lugar de uma presença onde o universo inteiro se reflete" (Zambrano, 1955, p. 261).

A piedade é a atitude que permite atravessar essa noite. Para Zambrano, piedade é "saber tratar com o que é diferente de nós" (Zambrano, 1955, p. 251). Em vez de tentar dominar o divino ou o indomável, o que seria arrogância, a piedade aceita a sua existência. Ao aceitar que existem forças maiores que não podem ser dobradas à nossa vontade, paramos de lutar contra a realidade. É essa cessação de hostilidade que transforma o mundo em lar.

Quando o ser humano tenta configurar o indomável à sua vontade, ele inicia uma guerra perpétua contra a realidade, pois tudo o que é estranho ou incalculável passa a ser visto como uma ameaça ou um obstáculo a ser superado. A piedade, portanto, surge não como uma submissão cega, mas como uma lucidez ontológica, pois, ela reconhece que a vida possui uma espessura que a mente não pode esgotar. Ao aceitar que o fundamento da existência não é um objeto de posse, o indivíduo despoja-se das armas da dominação e permite que o outro, seja ele o cosmos, o divino ou o próximo, se manifeste em sua integridade original.

Essa cessação de hostilidade é o que efetivamente permite a habitabilidade do mundo. Para Maria Zambrano, um mundo que é puramente dominado torna-se um deserto de espelhos, onde o ser humano encontra apenas o reflexo de sua própria técnica, resultando na alienação e no vazio existencial que discutimos anteriormente. No entanto, quando a piedade aceita a existência das forças maiores e o caráter indomável da vida, estabelece-se um pacto de convivência. O mundo deixa de ser um campo de batalha para se tornar um lar, porque um lar é precisamente o lugar onde nos sentimos acolhidos sem a necessidade de exercer o controle absoluto. É no reconhecimento dos limites humanos e na aceitação da alteridade do universo que o silêncio deixa de ser um abismo de vacuidade para se tornar a atmosfera de uma morada. Ao parar de lutar contra o que é maior que si, o ser humano encontra, finalmente, o seu lugar de repouso e comunhão dentro da própria ordem cósmica.

A Aurora não é o sol do meio-dia que ilumina tudo sem deixar sombras, ela é a luz primeira, suave e nascente. O indomável habitável é quando a Aurora surge após a noite escura, o mundo não mudou, as feras e os mistérios ainda estão lá, ou seja, continuam indomáveis, mas a nossa relação com eles mudou. A nova clareza se dá agora, o ser humano não precisa mais que o divino seja explicado ou dominado para se sentir seguro, pois ele aprendeu a conviver com o mistério. O indomável torna-se habitável porque o ser humano encontrou o seu lugar de humildade dentro dessa vastidão.

Em síntese, a noite escura desintegra o eu dominador. A piedade reconecta esse eu ao mundo de forma respeitosa. A Aurora é o estado final onde o ser

humano, finalmente, acorda em uma realidade que ele não governa, mas onde ele finalmente pertence. O indomável torna-se habitável quando deixamos de ser colonizadores da realidade para nos tornarmos seus hóspedes.

Considerações Finais

Entrar no pensamento de Maria Zambrano é, antes de tudo, aceitar um convite para descer aos porões da alma, onde a claridade do sol racional ainda não conseguiu dissecar a vida. Ao percorrer o itinerário proposto por Zambrano, fica evidente que o Sagrado não é um conceito do passado, mas uma exigência do presente. A crítica ao racionalismo não se traduz em um abandono da inteligência, mas em sua humildade. A conclusão a que chegamos é que a crise do ser humano moderno é, em última análise, uma crise de lugar, pois, ao expulsar o Sagrado, o ser humano tornou-se um exilado de si mesmo, habitando um mundo funcional, mas desprovido de sentido último.

A crise da modernidade, para Zambrano (2006), é o resultado direto de um racionalismo que, ao pretender iluminar tudo sob a luz do controle absoluto, acabou por obscurecer as raízes da existência humana. Ao tentar expulsar o mistério e reduzir a realidade a conceitos matemáticos ou utilitários, a razão moderna deixou o ser humano órfão de um sentido maior, mergulhando-o no ruído frenético para mascarar o silêncio de sua própria vacuidade. No entanto, é precisamente no esgotamento desse modelo racionalista que o Sagrado renasce, não como uma doutrina dogmática, mas como a irrupção do indomável que exige uma nova forma de atenção. O fracasso da autossuficiência racional abre caminho para a percepção de que a vida não é um problema a ser resolvido, mas um mistério a ser habitado, devolvendo ao ser humano a consciência de sua própria transcendência e de sua dependência orgânica em relação ao cosmos.

Nesse cenário de reconstrução ontológica, a piedade emerge como a virtude fundamental para a recuperação da dignidade humana. Ela não deve ser confundida com uma compaixão passiva, mas entendida como o exercício ativo de saber tratar com o que é diferente de nós, estabelecendo uma ponte ética entre o eu e a alteridade absoluta. Ao renunciar à pretensão de dobrar o mundo à nossa vontade, a piedade permite o reconhecimento de que o outro, seja o divino, a natureza ou o próximo, possui uma realidade própria e inviolável. Essa cessação de hostilidade metafísica é o que transforma o exílio do ser humano moderno em uma morada autêntica. Através da piedade, o universo deixa de ser um objeto de exploração e passa a ser reconhecido como um lar, onde a aceitação dos nossos limites se torna a condição necessária para uma convivência harmoniosa e sagrada.

Finalmente, a trajetória da alma, inspirada pela mística de São João da Cruz e pela razão poética de Zambrano, exige a coragem de atravessar a "noite escura". Esse mergulho no silêncio e na desposseção não é um fim em si mesmo, mas o rito de passagem necessário para que a vacuidade seja transmutada em transparência. Ao enfrentar o nada que o silêncio revela, o ser humano purifica o seu olhar, preparando-se para a Aurora, aquele instante de clareza em que o centro da alma e o fundo do universo finalmente se revelam como um só. A filosofia de Maria Zambrano nos ensina que só após aceitarmos nossa indigência espiritual é que podemos ser preenchidos por uma luz que não agride, mas que acolhe. A Aurora zambranianiana representa, assim, o nascimento de um novo modo de ser, onde o silêncio já não é mais um espelho temido, mas a própria música da existência reconciliada.

Referências Bibliográficas

- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 185.
- HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Tradução de Irene Borges-Duarte. Ensaios: A origem da obra de arte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- JOÃO DA CRUZ, São. **Subida do Monte Carmelo**. Tradução dos Padres Carmelitas Descalços. 9. ed. São Paulo: Paulus/Loyola, 2002, Livro 2, Capítulo 8, Parágrafo 3.
- LAURENZI, Elena. María Zambrano, filósofa de la Aurora. **Papeles del «Seminario María Zambrano»**, [s. l.], n. 2, p. 16-19, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Coleção Perspectivas. Lisboa: Edições 70, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 30.
- ORTEGA Y GASSET, José. **O Tema do Nosso Tempo**. Tradução de J.C. de Oliveira. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado: Sobre o elemento irracional na ideia do divino e sua relação com o racional**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Paulo: Edições 70 / Almedina, 2007.
- ZAMBRANO, Maria. **Filosofia e Poesia**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1939. Edição brasileira: Record, 2006.
- ZAMBRANO, Maria. **Hacia un saber sobre el alma**. Madri: Alianza Editorial, 1987.
- ZAMBRANO, Maria. **El hombre y lo divino**. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.
- ZAMBRANO, Maria. **De la Aurora**. Madrid: Turner, 1986, p. 18.

Recebido em: 05/2026
Aprovado em: 05/2026